

Eloisa James

MILAGRE DE AMOR

Tradução
Maria Manuela Novais Santos

*Quinta Essência**

1

Era uma vez, não há muito tempo...

Meninas bonitas em contos de fadas são tão banais como **M**seixos na praia. Pastoras de pele rosada convivem com princesas de olhar romântico e, de facto, se contássemos os dois olhos brilhantes de cada donzela, teríamos toda uma galáxia de estrelas cintilantes.

Esse brilho ainda torna mais triste o facto de as mulheres reais raramente estarem à altura das suas homólogas fictícias. Têm dentes amarelentos ou pele manchada. Têm a sombra de um bigode ou um nariz tão grande que um rato poderia esquiatar por ele abaixo.

Claro que também as há bonitas. Mas mesmo essas são propensas a todas as doenças que constituem «herança do homem», como disse Hamlet, há muito tempo, num lamento.

Em resumo, é rara a mulher que ofusca verdadeiramente o sol. Quanto mais toda essa história de dentes de pérola, voz de cotovia e um rosto tão belo que os anjos carpiriam de inveja.

Linnet Berry Thrynne tinha tudo o que foi mencionado, exceto talvez a pretensão de uma melodia de cotovia. Apesar disso, a sua voz era perfeitamente agradável e tinham-lhe dito

que o seu riso era como o toque de sinos dourados, falando-se muitas vezes nas cantigas de verdilhão¹ (embora não de coto-
via).

Mesmo sem olhar para o espelho, sabia que o seu cabelo brilhava, os seus olhos brilhavam, e os seus dentes – bem, talvez não brilhassem, mas eram muito brancos.

Era exatamente o tipo de mulher que conseguia levar um moço de cavaliariça a feitos heroicos ou um príncipe a atos menos intrépidos como atravessar um denso silvado meramente para lhe dar um beijo. Nada disso alterava um único facto:

Desde a véspera, não lhe era possível casar-se.

A calamidade tinha que ver com a natureza dos beijos e com aquilo a que se fazia crer que os beijos levavam. Em bora talvez seja mais exato falar da natureza dos príncipes. O príncipe em causa era Augustus Frederick, duque de Sussex.

Beijara Linnet mais do que uma vez; de facto, beijara-a muitíssimas vezes. E declarara veementemente o seu amor por ela, já para não falar numa noite em que atirara morangos à janela do seu quarto (o que tinha causado uma porcária horrível e enfurecido o jardineiro).

A única coisa que não fizera fora oferecer-lhe a sua mão em casamento.

– É uma pena eu não poder casar contigo – disse ele, apologeticamente, quando o escândalo rebentou na noite anterior. – Nós, os duques reais, sabes... não podemos fazer tudo quanto desejaríamos. O meu pai está ligeiramente perturbado com o assunto. Na realidade, é um grande infortúnio. Deves ter ouvido falar do meu primeiro casamento; foi anulado porque Windsor decidiu que a Augusta não era suficientemente boa e ela é filha de um conde.

¹ Trocadilho com o nome da personagem: Linnet, em inglês, significa verdilhão.
(*N. da T.*)

Linnet não era filha de um conde; o pai era visconde e, ainda por cima, não se relacionava com pessoas influentes. Não que ela soubesse do primeiro casamento do príncipe. Todas as pessoas que a tinham visto namoriscar com ele nos últimos meses haviam-se esquecido, incompreensivelmente, de lhe dizer que, ao que parecia, ele era propenso a cortejar as mulheres com as quais não podia – ou não devia – casar.

O príncipe fizera uma vénia brusca, virara-se e abandonara abruptamente o salão de baile, retirando-se para o Castelo de Windsor – ou para onde quer que as ratazanas fugiam quando o navio se afundava.

Isto deixara Linnet sozinha, apenas com a sua rígida dama de companhia e um salão de baile cheio de gente da alta sociedade, uma circunstância que a levou rapidamente a compreender que muitas donzelas e matronas de Londres estavam fervorosamente – se não alegremente – convencidas de que ela era uma leviana do primeiro grau.

Nos momentos seguintes à partida do príncipe, nem uma alma a olhou nos olhos; Linnet deparou-se com um mar de costas voltadas. O som de risadinhas aristocráticas espalhou-se à sua volta como o silvo do grasnar de gansos selvagens a prepararem-se para voar para o Norte. No entanto, claro, era ela que tinha de voar – para norte, para sul, não interessava, desde que fugisse da cena da sua desonra.

A injustiça era que ela não era nenhuma leviana. Bem, não o era mais do que qualquer rapariga deslumbrada com um príncipe.

Tinha gostado de apanhar na sua armadilha o maior prémio de todos, o príncipe louro e atraente. Mas nunca tivera verdadeira esperança de que ele casasse com ela. E não teria decerto dado a sua virgindade a um príncipe sem ter um anel no dedo e a aprovação do rei.

No entanto, considerara Augustus um amigo, o que ainda tornou mais doloroso o facto de ele não ter ido visitá-la na manhã seguinte à sua humilhação.

Augustus não foi o único. De facto, Linnet deu consigo a olhar por uma janela da frente da sua residência, para melhor se convencer de que ninguém ia visitá-la. Ninguém. Nem uma alma.

Desde que fora apresentada à sociedade, uns meses atrás, a sua porta principal tinha sido o portão do Tosão de Ouro, ou seja, do seu ser delicioso e com um dote. Jovens cavalheiros pavoneavam-se e subiam, a passo rápido ou sem pressa, aquele caminho, deixando cartões e flores e presentes de toda a espécie. Até o príncipe se humilhara a fazer quatro visitas matutinas, um cumprimento inaudito.

Mas agora... aquele caminho não passava de uma fila de pedras a brilharem ao sol.

– Eu não posso acreditar que isto surgiu do nada! – disse então o pai, de trás dela.

– Eu *fui* beijada por um príncipe – disse Linnet friamente. – O que podia não ter significado nada se não tivéssemos sido vistos pela baronesa Buggin.

– Beijada, *pff!* Os beijos não são nada. O que eu quero saber é porque andam a dizer com toda a segurança que tu estás à espera de bebé. Um bebé *dele!* – O visconde Sundon aproximou-se, juntou-se a ela e olhou também para a rua vazia.

– Duas razões. Nenhuma delas envolve um bebé, deve ficar contente por saber.

– Então?

– Comi um camarão estragado na manhã musical de Lady Brimmer, na quinta-feira passada.

– E depois? – perguntou o pai.

– Fez-me mal – respondeu Linnet. – Nem sequer consegui chegar à sala privada das senhoras. Vomitei para uma laranjeira que estava num vaso. – Só com a lembrança, estremeceu um pouco.

– Descontrolo teu – comentou o visconde. Detestava processos corporais. – Deduzo que isso foi considerado sinal de parto?

– De parto, não, papá, da condição que o antecede.

– Claro. Mas lembras-te de quando Mistress Underfoot cuspiu na sala do trono, por pouco não acertando em sua majestade o rei da Noruega? Isso não foi nenhum camarão, nem um bebé. Toda a gente sabia que a senhora tinha bebido até cair. Podíamos fazer circular que tu és alcoólica.

– E isso resolveria o meu problema? Duvido que muitos cavalheiros queiram casar com uma bêbada. De qualquer maneira, não foi só o camarão. Foi o meu vestido.

– Que tinha o teu vestido?

– Ontem à noite vesti um vestido de baile novo e, aparentemente, o meu perfil deu às pessoas razões para pensarem que eu estava à espera de bebé.

O pai fê-la girar e olhou para a sua cintura.

– A mim não me pareces diferente. Um pouco fresca nos ombros. Tens de mostrar tanto o peito?

– Se não quiser parecer uma matrona gorda – disse Linnet com certa aspereza –, então, sim, preciso mesmo de mostrar o peito desta maneira.

– Bem, esse é que é o problema – disse Lorde Sundon.

– Pareces mercadoria da feira de São Bartolomeu. Raios, eu disse especificamente à tua dama de companhia que tinhas de parecer mais puritana do que qualquer outra pessoa na sala. Tenho de ser eu a fazer tudo? Ninguém é capaz de seguir instruções simples?

– O meu vestido de baile não era muito decotado – protestou Linnet, mas o pai não estava a dar-lhe atenção.

– Eu tenho tentado, Deus sabe como tenho tentado! Adiei a tua apresentação à sociedade, com a esperança de que a maturidade te desse compostura aos olhos do indubitável escrutínio da alta sociedade, dada a reputação da tua mãe. Mas para que serve a compostura se o teu decote indica que és uma devassa?

Linnet respirou fundo.

– O caso nada tem que ver com decotes. O vestido que eu usei ontem à noite tem...

– *Caso!* – disse o pai, o tom de voz a subir. – Eu eduquei-te com os princípios mais rígidos...

– Não *caso* no sentido de romance – interrompeu Linnet. – Eu queria dizer que o desastre foi causado pelo meu vestido. Tem dois saíotes, sabe, e...

– Quero vê-lo – declarou Lorde Sumon, sendo a sua vez de interromper. – Vai vesti-lo.

– Não posso vestir um vestido de baile a esta hora da manhã!

– Já. E traz essa tua dama de companhia cá abaixo também. Quero ouvir o que Mistress Hutchins tem a dizer em sua defesa. Contratei-a especificamente para impedir este tipo de coisas. Ela assumiu um ar puritano tão austero que eu confiei nela!

Portanto, Linnet vestiu o seu vestido de baile.

Fora desenhado para ficar justo sobre os seios. Mesmo abaixo, as saias abriam-se para trás revelando uma encantadora renda belga. Depois, essa saia abria-se, mostrando uma terceira camada, feita de seda branca. As linhas pareciam requintadas no caderno da loja de Madame Desmartins. E, quando Linnet o vestira na noite anterior, achara o efeito adorável.

Mas agora, enquanto a criada arranjava todas aquelas saias sob o olhar atento de Mrs. Hutchins, os olhos de Linnet dirigiram-se para o sítio onde devia estar a cintura, mas não estava.

– Palavra de honra! – disse ela, num sussurro. – Realmente pareço mesmo grávida. – Virou-se para o lado. – Veja só como isto enfuna. É este pregueado todo, mesmo aqui em cima, sob os meus seios. Eu podia esconder dois bebês debaixo de todo este tecido.

A criada, Eliza, não se atreveu a dar opinião, mas a dama de companhia não mostrou tal reserva.

– Na minha opinião, não são tanto as saias como o seu peito – afirmou Mrs. Hutchins. A sua voz era levemente acusa-

tória, como se Linnet fosse responsável pela linha entre os seus seios.

A dama de companhia tinha cara de gárgula, na ideia de Linnet. Fazia lembrar uma igreja medieval com o seu empedernido fervor religioso. Por isso é que o visconde a tinha contratado, claro.

Linnet virou as costas ao espelho. O vestido tinha realmente um decote fundo, o que, com franqueza, ela considerara uma coisa boa, tendo em conta que muitos jovens cavalheiros pareciam incapazes de arrastar os olhos acima do queixo dela. Isso mantinha-os ocupados e permitia a Linnet sonhar que estava noutra lugar que não um salão de baile.

– A menina é excessivamente dotada – continuou Mrs. Hutchins. – Demasiado cheia em cima. Juntando isso à maneira como o vestido enfuna, parece que está à espera de um feliz acontecimento.

– Não teria sido *feliz* – comentou Linnet.

– Nas suas circunstâncias, não. – Mrs. Hutchins aclarou a voz. Ela tinha o modo mais irritante de aclarar a voz que Linnet alguma vez ouvira. Significava, aprendera Linnet nos últimos meses, que se preparava para dizer algo desagradável.

– Porque diabo é que não vimos? – exclamou Linnet, cheia de frustração, interrompendo-a antes de ela poder lançar a sua crítica. – É tão injusto perder a minha reputação e, talvez até, a minha hipótese de casamento só porque o meu vestido tem demasiadas pregas e saias.

– As suas maneiras é que são repreensíveis – disse Mrs. Hutchins. – Devia ter aprendido com o exemplo da sua mãe que, se fizer espalhafato, as pessoas irão tomá-la por uma mulher de má nota. Tentei dar-lhe orientações sobre decoro o melhor que pude ao longo dos últimos meses, mas não me ligou nenhuma. Agora colhe o que semeou.

– As minhas maneiras nada têm que ver com este vestido e com o efeito que tem na minha figura – declarou Linnet.

Raramente se dava ao trabalho de se examinar de perto ao espelho. Se tivesse olhado com cuidado, se se tivesse virado de lado...

– É o decote – disse Mrs. Hutchins obstinadamente.
– A menina parece uma vaca leiteira, se me perdoa a comparação.

Linnet não se deu ao trabalho de perdoar, por isso ignorou-a. As pessoas deviam avisar do perigo. Uma senhora devia olhar-se sempre de lado ao vestir-se, se não podia vir a descobrir que Londres inteira acreditava que ela estava à espera de bebê.

– Eu sei que não está *enceinte* – continuou Mrs. Hutchins, parecendo relutante em admiti-lo. – Mas nunca acreditaria nisso, olhando para si agora. – Voltou a aclarar a voz. – Se aceita um conselho, eu taparia esse seu peito um pouco mais. Não é decente. Eu bem tentei dizer-lho várias vezes nos últimos dois meses e vinte e três dias que vivi nesta casa.

Linnet contou até cinco e disse friamente:

– É o único peito que tenho, Mistress Hutchins e os vestidos são todos assim. Não há nada de especial com o meu decote.

– Fá-la parecer uma fragata ligeira – observou ela.

– Como?

– Uma fragata ligeira. Uma mulher ligeira!

– A fragata não é um barco?

– Exatamente, do tipo que atraca a muitos portos.

– Creio que é o primeiro gracejo que alguma vez me disse – afirmou Linnet. – É pensar que eu estava preocupada por a senhora poder não ter sentido de humor.

Depois disto, os cantos da boca de Mrs. Hutchins descaíram e ela recusou-se a dizer qualquer outra coisa. E recusou-se a acompanhar Linnet à sala de estar.

– Não tenho nada que ver com o que lhe aconteceu – disse.
– É a vontade dos céus e pode dizer ao seu pai que fui eu que

o disse. Fiz os possíveis por lhe inculcar alguns princípios, mas foi tarde de mais.

– Isso é bastante injusto – disse Linnet. – Mesmo uma fragata ligeira devia ter a oportunidade de atracar a *um* porto antes de ser afundada.

Mrs. Hutchins resfolegou.

– Atreve-se a gracejar. Não tem nenhuma ideia de decoro, nenhuma! Acho que todos sabemos onde reside a culpa disso.

– Na verdade, acho que tenho mais compreensão do que é decoro e o seu oposto do que a maioria. Afinal, Mistress Hutchins, fui eu, e não a senhora, que cresci perto da minha mãe.

– E está aí a raiz do seu problema – disse ela, com um sorriso mórbido. – Não é como se sua senhoria fosse a filha de uma fabricante de chapéus que fugiu com um latoeiro. Ninguém se interessa por essa gente. A sua mãe dançava como um ladrão no nevoeiro enquanto todos a observavam. Não era uma prostituta privada; permitiu que o mundo visse a sua iniquidade!

– Um ladrão no nevoeiro – repetiu Linnet. – Isso é da Bíblia, Mistress Hutchins?

Mas Mrs. Hutchins apertou os lábios e saiu da sala.

